



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O PROCESSO DE ACOMODACÃO VISTO A PARTIR DAS NARRATIVAS IDENTIFICADAS NUMA PAREDE DE MEMÓRIAS

**Luena Cordeiro de Souza Müller Chaves
PPGARTES/UFPA**

Introdução

Este resumo refere-se a uma pesquisa em andamento, que trata da construção de narrativas a partir dos objetos dispostos em uma parede dedicada a memória, em exibição permanente dentro de uma galeria de arte particular, em Belém, verificando possíveis relações com o conceito de objetificação, segundo a Teoria da Acomodação, de Daniel Miller, e memória, segundo Pierre Nora. Para tanto, procuramos entender a parede (e os objetos ali depositados), da mesma forma que a própria casa, como um processo, como algo que é modificado e se constrói ao mesmo tempo em que é construída a identidade das pessoas que ocupam aquele espaço. Ainda que sem perder de vista a função de galeria de arte que a casa assume, neste artigo o que se pretende é investigar relações possíveis entre memória e estudos de cultura material, passando pelos atos de colecionar objetos tendo como critério, aparentemente, o valor afetivo, que assumem importância significativa como documentos para a construção da biografia daquele espaço e das relações entre seus frequentadores.

Metodologia

Como metodologia assumimos a pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica relacionada aos estudos de Cultura Material e Memória, desenvolvidas a partir de disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade Federal do Pará.

Resultados e Discussão

Quando a uma casa é destinada a função de galeria de arte, o que se espera das suas paredes a que se atribui maior importância, ou do espaço compreendido entre elas, é que sirvam de estrutura para produção de exposições, provavelmente temporárias. A existência, dentro de uma galeria, de uma parede que não se desmonta para receber novos objetos de tempos em tempos, e que sequer pertence a área aberta a visitação pública, mas se presta a uma exposição permanente da memória do galerista, denota um outro tipo de motivação. Citando Pierre Nora, “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter a necessidade de nos lembrar” (Nora, 1993). Que passa pela noção de preservar do tempo coisas que, esvaziadas de valor comercial, assumem importância e valor documental, de testemunho. Ali, a biografia do espaço é construída distante de uma noção linear do tempo, pela falta de sequência



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

cronológica na organização dos itens. Tampouco podemos identificar os critérios segundo os quais as peças estão agrupadas. Todavia, tem datas os objetos: o cartão de Feliz 1997 pintado por um artista; o convite para a abertura de uma exposição realizada em 1986; a cópia da ata de doação de obras de arte de artistas paraenses para um museu, a cédula fora de circulação, um e-mail com data e hora visíveis – encaixados em molduras ou suportes que permitam a visualização (logo, uma intenção de compartilhamento). Pelo convite com data de 1986, por exemplo (Figura 1) sabe-se que, naquele ano, em 28 de novembro, a galeria realizou uma exposição individual de pinturas do artista paraense Ronaldo Moraes Rego. E, pela imagem estampada no convite, que tal obra do artista fez parte da mostra – e sabe-se que, segundo critérios subjetivos, aquele convite (e não outro) foi escolhido para receber uma pequena moldura de madeira, sem vidro, que o destinou a um lugar entre aquelas memórias. Como coisa que deve ser visitada. Identificando a origem da galeria em dezembro de 1981, e que a parede de objetos da memória começa a aparecer nos registros a partir dos anos 90. Desde então, a superfície da parede foi sendo preenchida pelo galerista, como um processo de entendimento do que era própria casa (Figura 2). As coisas ali se acomodavam, no sentido de encontrar lugar e construir sentidos, conforme acontecia a vida da galeria e do galerista. Daniel Miller, referindo-se a habitação, afirma que a pessoa desenvolve uma relação benigna de construção: Um modo útil de pensar sobre o tema é refletir sobre os vários significados da palavra acomodação. Ao considerarmos nossa relação com o lar por meio da acomodação não encaramos a casa como uma coisa, mas como um processo. Ser acomodatório e acomodado é algo em que estamos constantemente engajados (Miller, 2013). Mesmo mudando de endereço e teve sua parede de memórias transportada para a nova casa. que, hoje, do lugar de onde são observados, trazem disparadores de memória, contribuem com narrativas e com a releitura de acontecimentos e relações possíveis. A parede, depois, começa a ganhar expansões, na forma de linhas horizontais de novos objetos acrescentados acima da configuração original, aumentando a área ocupada, incluindo novos itens na sua construção e na acomodação dentro daquela casa. Junto a parede gravitam outros objetos: a mesa com pé de máquina de costura e duas cadeias, uma mesa de trabalho não se trabalha (Figura 3), de onde se lê um projeto de objetificação, ainda a partir do conceito de Daniel Miller, segundo o qual entre pessoa e objeto, um constrói o outro (p. 161). Sobre o processo de acomodar-se, Daniel Miller acrescenta que “A casa é, sem dúvida, um instrumento poderoso de objetificação. Mas muito raramente tem realização simples, muito menos heroica” (p. 163). O lugar que a parede ocupa, o mobiliário posto ao seu redor, o fato de hoje ela pertencer a um cômodo que foi inteiramente configurado com o intuito de recebê-la.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

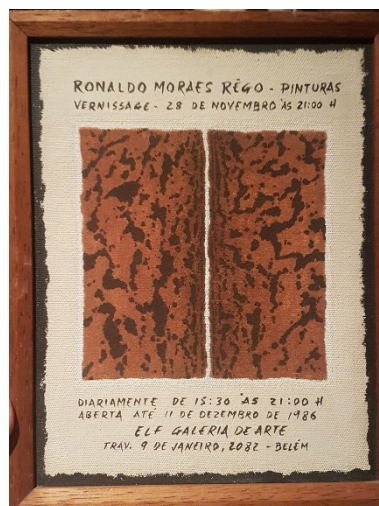


Figura 1: convite



Figura 2: a parede (detalhe, em fotografia de 2019)



Figura 3: mesa e cadeiras: os objetos ao redor (2019).

Conclusões

Podemos considerar que essa parede que carrega memórias em exposição permanente não é e nunca foi pensada para ser a coisa principal ou o ambiente protagonista dentro da casa, na sua função de galeria de arte; não sendo nem mesmo um item obrigatório, embora possamos entender que um espaço cultural crie mecanismos próprios de construção, registros e memória. Ao organizar uma parede de memórias, o galerista coloca a si próprio em exposição, como seus processos de trabalho. A preocupação em manter semelhantes registros é a própria materialização da memória, e o que permite que lancemos, hoje, um olhar para esse passado, estudando, reinterpretando e encontrando significados de objetos.

Palavras-chave

Biografia; Galeria; Memória; Objetificação

Referências bibliográficas

MILLER, Daniel. Casas, Teoria da Acomodação. In: _____. Trecos, Troços e Coisas: Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp. 119-163.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. Projeto História: São Paulo, 1993.